

Pela primeira vez na história da nossa participação na Bienal de Veneza, estamos nos preparando com uma certa antecipação — os artistas escolhidos foram avisados com cinco meses de antecedência, o que já é um progresso considerável no ideal de um ano e meio, tempo ideal para preparação — e uma certa dignidade: o pavilhão do Brasil vai ser concluído, o que significa dizer que finalmente estaremos num pavilhão próprio, em tempo oportuno. Duas grandes conquistas primordiais que cumpre louvar, pois que muito tempo trabalharemos para atingir, em termos ideais, todos os pontos necessários para chegarmos à Sereníssima cidade dos Doges em condições de grande vitória. Inclusive na produção da nossa pintura e escultura, já que à legião do branco-e-nero nenhuma restrição se pode fazer.

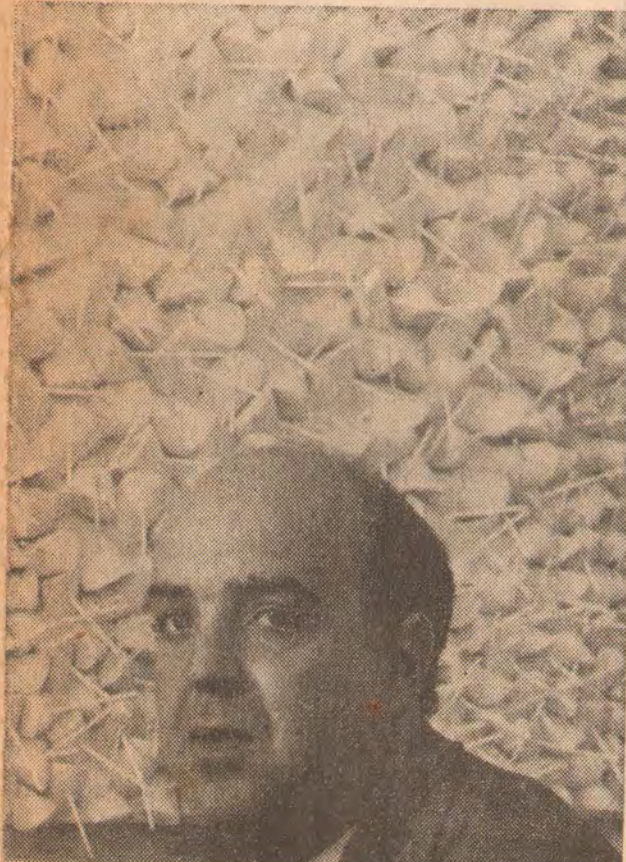
Uma comissão constituída por Pietro Maria Bardi, Clarival do Prado Valladares e Vasco Mariz decidiu que três artistas de vanguarda participariam da nossa delegação, disputando prêmios: o gravador Arthur Luiz Piza, o escultor Sérgio de Camargo e o pintor e desenhista Wesley Duke Lee. Três excelentes nomes, já laureados e conhecidos no exterior, mais do que no seu próprio país, como é de praxe — e, no caso, o redator do Itinerário está fora do país. Essa mesma comissão, espantando alguns, inclusive a nós mesmos, incluiu na delegação três pintores chamados ingênuos ou hais ou que nome queira — o filão é imenso e elástico — e um escultor afro-baiano, já morto: José Antônio da Silva, Agostinho de Freitas, Francisco Domingos da Silva, e Agnaldo Manoel dos Santos (o escultor já morto).

Na primeira vez que enviamos primitivos e afro-brasileiros para uma exposição como a Bienal de Veneza, destinada às grandes retrospectivas de artistas de real expressão e às pesquisas de vanguarda. De início, explicaram-nos que estes quadros não concorriam aos prêmios, o que já foi um alívio sobre o possível risco que Veneza fazia da inteligência brasileira. Era para mostrar algo novo, nacional, autêntico, diferente, enfim, da criação europeia. Neste enquadramento, aceitamos, pois somos testemunhas do imenso interesse que têm na Europa pelos nossos pintores primitivos. Reservamo-nos, porém, o direito de umas indagações e esclarecimentos mais profundos acerca dessa delegação. E convidamos um dos membros da comissão, nosso confrade Clarival do Prado Valladares, para responder-las. E embora o nosso querido Clarival esteja pleno do secular talento verbal dos baianos, como bom escritor, preferia responder por escrito, em forma de carta. Que a Itinerário acolhe com muito prazer e que, estamos certos, vai satisfazer a todos os seus leitores.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURICIO

O Brasil na XXXIII Bienal de Veneza



O escultor Sérgio de Camargo achava cedo demais Veneza, mas em carta recente informa que aceitará participar, desde que seja com um número elevado de peças, umas vinte, por exemplo



A gravura de Piza, mais conhecida na Europa do que no Brasil, será um trunfo seguro para o Brasil na Bienal de Veneza



O desenhista e pintor Wesley Duke Lee, premiado na Bienal de Tóquio, vai ter a sua vez em Veneza, já em que na Bienal de São Paulo as coisas não foram muito corretas para o artista (Santo de Casa...) A peça do clichê é de abril de 1964 e chama-se Primeiro de Abril. Atualmente o pintor está noutra fase

"Meu caro Jayme Maurício,

Tentarei responder à série de indagações que V. faz sobre o critério adotado pela Comissão de Seleção Brasileira à próxima Bienal de Veneza.

Você pergunta se os membros da comissão consideraram o espaço disponível, a arquitetura e outras características do Pavilhão Brasileiro com relação ao número de exposições e à qualidade da obra.

Sim, é exato que a representação brasileira foi limitada a um número menor de artistas em favor de um maior número de obras, de cada. O pavilhão brasileiro da Bienal de Veneza, inaugurado em 1964, da autoria de Henrique E. Mindlin e já divulgado e comentado em data oportuna pelo "Itinerário das Artes Plásticas", é um pequeno pavilhão, dividido em dois corpos com cerca de vinte e quatro metros de superfície de exposição no primeiro e cerca de cinquenta e dois metros no segundo. Oferece área interna limitada para circulação e para exposição de escultura, e ainda mais limitada para o distanciamento na observação da pintura.

A experiência passada na XXXII Bienal de Veneza, na data de inauguração do Pavilhão Brasileiro, conforme você mesmo foi testemunha, evidenciou a desvantagem de uma representação numerosa, resultando em conjunto heterogêneo, contraditório e desentendido quanto às datas e ao espírito de cada obra. A arquitetura de nosso pavilhão sugere conjuntos mais homogêneos, mais próximos em relação à atitude estética dos autores.

Agora procurarei responder outras de suas indagações a fim de explicar como esse primeiro critério coincidiu com os demais na escolha.

Você pergunta que razões orientaram os membros da Comissão (Vasco Mariz, Pietro Maria Bardi e eu) em indicar o gravador Arthur Luiz Piza, o escultor Sérgio de Camargo e o pintor e desenhista Wesley Duke Lee como os artistas brasileiros concorrentes da XXXIII Bienal de Veneza. Antes de se determinar a escolha, a comissão selecionou mais de cinquenta nomes de artistas brasileiros. Admitiu-se a graduação, a cotação, de um a quatro pontos para cada atributo de um esquema de cinco: I — Conceito crítico (originalidade, qualidade de trabalho, coerência temática e sentimento de contemporaneidade); II — Currículo crítico internacional (premição no estrangeiro, texto crítico meritório, obras em museus e coleções estrangeiras); III — Mercado (internacional e nacional); IV — Currículo profissional (exposições, no País e no estrangeiro, experiências, premiações no País, procedência, formação); V — Atualidade (obra compatível, identificada ou expressiva da data em que é produzida, de vanguarda, polêmica, desafiante).

A primeira seleção de cerca de cinquenta nomes, após filtração nesses critérios, ficou reduzida a vinte e seis, equivalentes a mais de dez pontos.

O ideal de vinte pontos (quatro para cada atributo) não foi atingido. Consideramos o mínimo de dezesseis pontos para uma indicação de menor risco e somente os três indicados atingiram.

Esta circunstância não significa uma avaliação de maior ou menor valor do artista, mesmo porque não

houve interesse consagratório. É mais um trabalho de análise, minudente e cansativo, que serve somente para situar artistas de possibilidades para uma competição internacional. Alguns poderão dizer que esse nosso trabalho é um excesso de burocracia, de convencionalismo, etc., mas ninguém poderá negar que sob esse método se consegue evitar a razão afetiva das indicações, o comprometimento dos críticos aos grupos, e outros fatores que inferiorizam as representações. Devo reconhecer certas falhas e impossibilidades para um empreendimento perfeito. Certas casualidades, como o fato do artista já ter integrado representações brasileiras à mesma bienal, até três vezes, se constitui em razão negativa. Entretanto, considerando-se que nas vezes anteriores o Brasil não tinha pavilhão próprio e o número de artistas costumava ser exagerado, heterogêneo e diversificado, levando-se em muitos casos apenas três peças de um artista competente, será justo se invalidar o preconceito que habitualmente se faz contra o expositor de oportunidades passadas. Infelizmente, outros novos valores surgem, mais representativos da atualidade, e tendem a ocupar as futuras oportunidades.

Na cotação que procedemos, Sérgio Camargo, Wesley Duke Lee e Arthur Luiz Piza se equivalem quanto ao conceito crítico, currículo internacional e atualidade embora sejam autores de linguagem estética diferente. Por esta razão é que eles formam um conjunto mais lógico, mais coerente, pois estão unidos em valores comuns. Sendo somente três para a sala maior, dá-se a cada um deles mais espaço para maior número de obras. Sérgio Camargo, por exemplo, poderá enviar vinte peças entre as de dentro e as de parede.

Vale mencionar que toda a crítica militante aplaudiu essa escolha.

O que resta esclarecer é sobre o equívoco que se fez quanto à sala menor, separada, de cerca de vinte e quatro metros de área, que reservamos para exposição de artistas genuínos. Jamais indicáramos artistas primitivistas, por serem pitorescos, gratiosos, ou quando muito curiosos para a responsabilidade de uma

bienal internacional de caráter competitivo e turístico.

Indicamos um conjunto de quatro artistas autodidatas, genuínos, fundamentalmente implicados à cultura base brasileira. Todos são profissionais, possuem reconhecido e inquestionável estilo individual e todos eles já mereceram invejável texto crítico internacional e local. O escultor Agnaldo Manoel dos Santos (falecido) e os pintores José Antônio da Silva, Agostinho de Freitas e Francisco Domingos da Silva são autores de obra considerável, séria, do mais elevado interesse de estudo.

A diferença que faço entre eles, verdadeiros primitivos que evoluem e amadurecem através de linguagem estilística própria, e se situam ao nível do mais elevado interesse de observação e análise, daqueles outros que prefiro chamar primitivistas, está somente no atributo de autenticidade que falta aos últimos.

Bardi ficou encarregado de selecionar obras de José Antônio da Silva (paisagem humana rural brasileira) e de Agostinho de Freitas (paisagem urbana) e eu me incumbi de selecionar as de Agnaldo Manoel dos Santos (escultura do sincretismo africano-católico) e de Francisco Domingos da Silva (temática de fabulação amazônica, arte do fantástico). Por princípio, os genuínos não são competidores às premiações.

Eles se encarregam de mostrar numa bienal internacional de enorme interesse a manifestação artística que se processa ao nível de nossa cultura-base. Certamente não terão o apoio dos que pensam ser a Bienal de Veneza uma oportunidade exclusiva na carreira dos sofisticados. Nunca o primitivo autêntico, o genuíno, compromete o seu povo. Não houve rebaixa na representação da Polônia por causa de Marie Anton ou de Nikifor, excelentes primitivos daquele país.

Nossos genuínos não estão roubando o espaço, ou o assento, dos que imaginam ter cadeiras-cativas na Bienal de Veneza. Ao contrário, talvez eles estejam levando para a amplitude de uma universalidade, valores comparáveis a aqueles das entalhas da Polinésia que na Feira Internacional de Paris, do meado do sé-

68 Em exposição
Arte popular Mexicana
GALERIA BONINO
RUA BARATA RIBEIRO, 578 — Tel.: 36-7534

GALERIA
Rua Prudente de Mo-
rais, 123 — Aberta das
16 às 22hs.
Goeldi
Exposição de desenhos de
Francisco Domingos da Silva
(organizada por Heloisa Joaçaba)
Inauguração dia 13 às 21hs

OFERTA DE NATAL
ESTOJO DE PINTURA
com 26 cores, com 100 de
pigmentos, solvente, óleo e pincel
CASA MINERVA
7 de Setembro, 57 - Tel.: 22-2490

ARTEFACT
Molduras
Rua Frei Caneca, 309/11 — Tel.: 52-1260

Holzäpfel
classe internacional em móveis para escritório
brafor
S. PAULO: Praça Roosevelt, 159 — Tel.: 34-6665 e 35-4454
RIO: Rua do México, 21-A — Tel.: 22-0180 e 32-7178

culo passado, emocionaram Van Gogh, ou dos africanos que através de Picasso, Braque e tantos outros renovaram as artes ocidentais.

Não pretendo parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cahiers d'Art 1952) traz o seguinte título: *Um índio brasileiro reinventa a Pintura*. E outra não é a função dos genuínos que a de suprir a criação artística nas escalas superiores, crúdidas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amaneiramento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela revelação de seus valores plásticos em termos de novas composições, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira desta Bienal de Veneza não se comprometerá por nenhuma outra atitude. Visou dar ao Brasil a representação de artistas atuais de maiores possibilidades, de acordo com o critério utilizado na apreciação, e dar ao mundo uma singela demonstração de nossa genuinidade.

Com o abraço do seu velho amigo e confrade,
Clarival do Prado Valladares.
Rio, 7-12-1965.

Bonino: arte popular mexicana

Exposição diferente, de grande interesse e muito oportuna é a que a Galeria Bonino inaugurou esta semana, mostrando ao festivo público natalino aspectos diversos da arte popular do México. Não é a rigor uma exposição de arte popular mexicana compreendendo as diversas técnicas e formas, nem o espaço da sala Bonino seria suficiente para isso. Mas é uma pequena e cuidada seleção que merece ser vista, estudada e, se possível, adquirida. É uma exposição que talvez sirva de estímulo aos eternos organizadores de mostras típicas que freqüentemente misturam popular com ingênuo, folclore, esportividade, e sofisticadas mais ou menos sabidas do popular brasileiro.

Sabemos todos que uma das expressões mais autênticas do admirável povo mexicano, de um espírito criador e inventivo raros, é a arte popular, cujas raízes — indígenas — foram enriquecidas por influências asiáticas e europeias, conservando porém suas fundas características nacionais. Tanto nos dias atuais como em outros tempos é uma arte nascida das necessidades de seus artesões e dos camponeses e suas respectivas cidades, elaboradas especialmente para o habitual dia de mercado. É mais rica e variada especialmente nas regiões do centro e sul do México. Na cerâmica, sobretudo, o repertório de formas parece inesgotável, variando de peças simples, polidas (enver-

Oca Oca Oca
Desde 1955, criando e executando o móvel brasileiro de prestígio internacional.
Oca
RIO: RUA JANGADEIROS, 14 - C
SÃO PAULO: RUA AUGUSTA, 1058